

Biopanzero

Josiel Vieira

Ciberfil Literatura Digital



Versão para Acrobat Reader por Marcelo C. Barbão

Fevereiro de 2002

Permitida a distribuição

Visite nosso site: www.ciberfil.hpg.ig.com.br ou mande-nos um e-mail: ciberfil@yahoo.com

O trânsito, que ia fluindo bem, estava começando a parar, para irritação de todos – como por exemplo aquela moça que não era assim tão moça mas que de qualquer forma estava dentro de um enorme e reluzente jipe novo, desses que ocupam o espaço de dois carros.

— Isso é por ter me fechado lá atrás! – e num instante a porta esquerda do jipe ficou amassada pela coturnada de um motociclista. Após se refazer do susto, a mulher gritou para o motociclista que já ia longe: “Por que não se mete com um homem, seu motoboy covarde?”

De dentro de seu capacete o “motoboy” estava dando gargalhadas. Ninguém percebia que aquele motoboy arruaceiro era uma garota de 14 anos. O engarrafamento em sua frente fechou inclusive o corredor para motos; e ela não podia esperar: hora do plano B! Apertou um botão verde no painel e seu scooter começou literalmente a voar.

— Cristo, eu adoro viver no futuro! -- e se mandou por cima dos caminhões de 200 toneladas e dos automóveis importados que se arrastavam pelo mesmo exíguo espaço da marginal; milhares de cabeças de motoristas estressadas acompanharam com uma boa dose de inveja aquela insignificante motocicleta utilitária, ridiculamente barata, porém voando como uma abelha a jato sobre todos, e depois eles odiaram o fato de que, pela legislação daquele tempo, somente as motocicletas pudessem voar.

Ela pousou sua motoca na frente de um belo edifício recém-construído, que parecia um cristal. Colocou seu capacete debaixo do braço onde se lia numa enorme cruz negra pixada por ela: “Maria Biopanzer” e subiu as escadarias de forma desengonçada, pois sua mochila era muito pesada. Assim como estava, com seu macacão preto anti-poluição, ela lembrava mais uma astronauta. Um assustador segurança de terno e gravata guardava a entrada do prédio.

— Dê a volta no prédio, garota. Por aqui é só para convidados.

— Mas eu só preciso de um recibo para deixar a encomenda...

— Eu só estou fazendo meu trabalho, menina. Dê a volta.

— Claro, claro... tio. O senhor manda.

Idiota pretensioso. Fosse outra situação, ele saberia com quem estava lidando... mas Maria Biopanzer resolveu acatar a ordem, e enquanto dava a volta no prédio pensou no quanto as pessoas estavam ficando parecidas... em todo lugar, sempre o mesmo “só estou fazendo o meu trabalho”.

Ao entrar no cristal gigante, um susto. Imagens bizarras por todo o lado. Coisas bisonhas, cores berrantes e envolventes saltavam por toda parte, numa verdadeira turbulência sem sentido que chegou a

deixá-la tonta a ponto de precisar se escorar em algo.

— Não ponha a mão aí! – uma das formas berrantes e de mal gosto a repreendeu por ter posto a mão numa das obras de arte mais caras daquela galeria; era a marchand do lugar e estranhamente estava ali só esperando por Maria Biopanzer.

— Mas que diabo de lugar é esse? É um puteiro?! – Maria resmungou coçando a cabeça. Não entendia nada daquilo.

— Que atrevimento! Modere seu linguajar, sua astronauta de favela.

Quando ouviu o “astronauta de favela” Maria Biopanzer virou-se como uma pantera enfurecida pronta para dar o bote na marchand. Mas conseguiu se recompor a tempo.

— Perdão... “madame”... poderia... por favor, ... “madame”... me dar o recibo dessa encomenda,... “madame”? -- apesar do seu esforço para se controlar, ela própria percebeu que pronunciava “madame” como quem pronuncia um palavrão. A outra sorriu e assinou o recibo.

— E onde, “madame”, eu posso deixar essa encomenda? Puxa, como esse troço pesa!

A outra apontou uma porta. O lugar estava entulhado de obras de arte, mas ali não passava de um depósito; parecia que o “principal” estaria depois daquela porta. Porra, haja o que houver do outro lado, deve ser bem mais agradável de ser ver do que as coisas horríveis que estavam espalhadas naquele salão!

Maria Biopanzer abriu a porta. Escuridão total. Um cone de luz vindo bem de cima a ofuscou:

— Abra sua mochila – uma voz ordenou. Ela olhou para os lados.

— Abra! Estamos com fome! – Maria obedeceu. Tirou o pesado pacote negro.

— Rasgue o saco!

Ela rasgou. E qual não foi sua surpresa ao descobrir que estava carregando tigelas de ouro maciço! Não era de admirar que estava tão pesado. Então vultos encapuçados, como terroristas, apareceram da escuridão, doze ao todo, e cada um pegou para si uma tigela. Maria Biopanzer, completamente embasbacada, fez a distribuição de tigelas de ouro.

Mas as surpresas só estavam começando. Um fortíssimo cone de luz branca iluminou uma criatura que esta de cócoras, quase ao lado da menina, que teve um susto ao ver-se perto de semelhante

figura: uma pessoa, impossível de saber se homem ou mulher de tão magra que era, estava nua, e tinha uma coroa de espinhos na cabeça a qual Maria se recusava a acreditar que fosse referência a... deixa para lá, não poderia ser; com essas coisas não se brinca! Então os doze encapuçados levaram, um por um, suas respectivas tigelas para debaixo desse sujeito, que defecou em cada uma. Os encapuçados sentaram-se em círculo e começaram o banquete.

Maria Biopanzer nem teve tempo de pensar: “Mas que blasfêmia nojenta”, pois as luzes se acenderam e um mar de aplausos pipocou de um mar de convidados especiais em trajes de gala. A marchand (que na verdade era apenas uma reles gerente do lugar) apareceu com ares de megastar que houvesse patrocinado a coisa mais genial do mundo e começou a falar:

— Os senhores e as senhoras acabaram de ver a brilhante releitura de “A Última Ceia” de Leonardo Da Vinci, feita por mais uma das dezenas de gerações de artistas produzidas pela Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis. Essa performance foi uma esplendorosa demonstração do “anti-pós-entropismo”, que é o mais novo movimento artístico-cultural criado e devidamente patenteado pela Corporação. Deverá ser a tônica da moda esse mês em toda a mídia, e já estamos licenciando a estética do anti-pós-entropismo para canais de televisão, estúdios de cinema, indústrias gravadoras fonográficas ou holográficas, ateliês de moda feminina e masculina, webdesigners, designers industriais, fabricantes de games, escritórios de arquitetura, enfim, quem quiser licenciar a nova estética produzida por nós para esse mês basta entrar em contato com o nosso departamento comercial. Gerenciamos também consultoria especializada para cada caso.

A saraivada de aplausos parecia ininterrupta. Alguns repórteres chegaram a fazer perguntas para Maria Biopanzer sobre qual sua reação por ter participado do lançamento da nova estética mensal da maior corporação de artes do sistema solar, mas ela só queria saber de dar o fora daquela loucura toda. A gerente da galeria se interpôs no caminho dela e, toda sorridente, colocou uma gorda gorjeta na mão da menina :

— Você esteve ótima, minha querida!

(Se Maria fosse reclamar na justiça sobre sua real participação nos dividendos daquela performance, sua “gorjeta” seria de tal monta que ela nunca mais precisaria trabalhar na vida...)

— Por que não fica mais um pouco e conhece a minha galeria? Você merece! Aproveite; esse privilégio não é para qualquer um. Só procure não encostar em nada, minha pequena astronauta de favela.

— Vocês todos irão para o inferno, seus pagãos miseráveis! – Maria esbravejou, mas todos riram da menina inocente indignada por não compreender a grandeza da arte contemporânea. Ignorância perdoável.

Mas talvez por raiva, ou pelo masoquismo que tudo ali parecia infligir em quem estivesse olhando, Maria Biopanzer resolveu passear pelos intermináveis andares daquela corporação especializada em transformar arte em dinheiro, muito dinheiro. Apesar daquilo tudo ser uma gigantesca corporação capaz de ditar a estética cultural do mundo, não via ali nada demais. Deus, seria ela mais burra que o resto? Várias exposições estavam sendo inauguradas simultaneamente naquele edifício e nas várias filiais espalhadas no mundo real e virtual – e não podia ser diferente, pois havia uma pressa frenética em se farejar nesse caldeirão de artistas qual seria a “equipe” que produziria a estética ideal para o próximo mês. Esse era o sangue da Corporação, o que a mantinha em funcionamento, e por isso mesmo é claro que nada poderia ser muito gratuito: ao lado do casual, descoberto por acaso nas milhões de exposições dos artistas que caíam nas graças da Corporação havia também o intencional baseado em pesadas pesquisas de mercado e que incluíam o desenvolvimento de estética experimental por designers da Corporação, pesquisa de cores, formas e sons por cientistas além de sondagens no inconsciente coletivo nas diversas populações da Terra e das colônias planetárias por doutores em psicologia para rastrear o que o povo queria ver e ouvir. E a Corporação descobria os anseios dos seres humanos com um mês de antecedência. O sonho das pessoas tinham as cores pré-determinadas pela paleta da Corporação.

Ela chegou na “Mostra Coletiva de Jovens Talentos Universitários”. Ali foi pior que no resto do edifício; os estudantes universitários conseguem se superar na estupidez. Faziam de tudo para parecer inteligentes para os “olheiros” da Corporação, pois se mostrassem serviço poderiam ser contratados, e nesse ímpeto alguns chegaram a pensar que Maria Biopanzer também era artista só pelo fato de estar vestida como motogirl num edifício onde era impensável que uma motogirl entrasse como uma pessoa normal, mas quando Maria se encheu e ameaçou quebrar o nariz de um estudante com seu capacete, resolveram deixá-la em paz.

A menina, com o saco tão cheio como nunca antes estivera, estava disposta a sair dali rapidamente. Mas até que não fora tão mal assim, ponderou; com a enorme gorjeta extra que ganhara poderia talvez fazer um “upgrade” profissional em seu scooter – há tempos estava de olho nas novas microturbinas envenenadas que vira no centro velho da cidade. E ainda sobraria dinheiro para o fliperama! Havia um novo simulador de tanques que ela ainda não tinha experimentado jogar por falta de dinheiro, mas agora já caminhava envolta nesses pequenos devaneios quando finalmente algo chamou sua atenção. E justamente num dos locais de menos destaque daquela mostra coletiva. Ela foi chegando perto. Parou. E gostou.

A jovem artista plástica autora das obras se aproximou de Maria Biopanzer:

— Que tal?

— Finalmente coisas legais! Mas por que você pinta a turma do Charlie Brown?

— Porque eu gosto do Snoopy, oras.

— Finalmente uma explicação legal!

Aquele canto estava infestado do pessoal da turma do Charlie Brown recriados pela jovem artista em várias técnicas de pintura, desenho e colagem. Snoopy de resina, acrílico, borracha, arame, papéis diversos, uma pequena animação caseira do Charlie Brown em que ele lê uma poesia de autoria da artista plástica, outra em que o pequeno pianista Shroeder toca trechos das músicas prediletas dela, e numa grande tela a Lucy, em sua banca de psiquiatria, dizia: “Você não é Charles Schulz, senhorita Ravena. Me deve cinco centavos pelo conselho; agora nos deixe em paz”.

Maria Biopazer estava encantada.

— Quem é Ravena? Você?

— Sim – a artista plástica concordou com um sorriso algo triste, como se fosse uma fatalidade que ela fosse essa tal de Ravena que gosta do Snoopy. Maria comentou, admirada:

— É. É o Snoopy. Mas ao mesmo tempo não é. Tem algo mais, eu vejo algo mais, mas não sei explicar... – Maria Biopazer disse, entortando a cabeça para um lado como se quisesse decifrar um enigma do qual apenas conseguia intuir a existência. Ravena sorriu escondendo rapidamente as mãos nos bolsos do macacão :

— E essa é a melhor crítica que eu já recebi...

A motogirl de 14 anos estendeu a mão para a artista plástica de 20 anos de rosto pálido:

— Meu nome é Maria Biopazer.

— “Biopazer”? O que é isso? – a artista tentou perguntar séria mas não conseguiu diante de um nome tão estranho. Maria não gostou muito. Mostrou o seu capacete para Ravena, onde “Maria Biopazer” estava escrito dentro de uma cruz sombria:

— Biopazer, tanque de guerra biológico. A última palavra em arma blindada da atualidade, um veículo de guerra feito com tecido orgânico vivo geneticamente alterado para ser mais duro que o aço. Eu sou isso. Não importa o nome que meus pais me deram quando eu nasci, pois eu não fui consultada nem para nascer nem para receber um nome estúpido. O nome que eu dei para mim mesma é Maria Biopazer. Maria; porque eu sou cristã e Maria foi a mulher capaz de gerar Deus sem ajuda de nenhum homem filho da puta; Biopazer, porque eu sou um tanque de guerra vivo: quem ficar no meu caminho será esmagado.

Essa é a cruz que tenho que carregar.

Ravena se espantou. Aquela motogirl era quase uma criança ainda! Que tipo de sofrimento ela passou para pensar daquele jeito??... mas procurou amenizar um pouco as coisas:

— Bom, eu me chamo Ravena porque minha mãe e meu pai não sabiam se queriam que meu nome fosse Raquel, Verônica ou Natália, que são minhas avós; quer dizer, Raquel era uma bisavó que eles achavam legal. Daí que para não ficar chato, juntaram a primeira sílaba de cada um delas. Brega, não é mesmo?

— Ei! Deixe disso! Eu pensei que um nome tão legal assim tivesse sido inventado por você mesma! Meu, pensa só nas possibilidades... Ravena tem “Rave”, tem “Raven”, parece com “Ravina”... meu, o seu nome é loucura total! Que viajada de nome, mulher!

Ravena deu uma gargalhada bem sonora; há meses não fazia isso. Achava que se daria superbem com aquela pirralha com cara de encenqueira. Maria Biopanzer olhou para um lado, olhou para o outro, e cochichou no ouvido de Ravena:

— Dê o fora daqui, Ravena! Gente normal como eu e você precisa ficar longe desses artistas plásticos retardados!

Ravena soltou outra gargalhada, e sem saber por quê, Maria Biopanzer começou a gargalhar também. De tanto rir as duas tiveram que se escorar numa coisa bisonha, e quando descobriram que a coisa bisonha era um estudante nerd, as duas riram ainda mais.

E Maria Biopanzer voltou ao seu cotidiano normal, esquecendo rapidamente o seu rápido contato com o mundo das artes. Fazia entregas por toda a cidade, conhecia cada avenida e as marginais como uma cigana que desconhece a palma de sua própria mão. Chegava a sentir um certo carinho por todo aquele caos congestionado; aquilo era o seu mundo e agora tudo estava banhado pela luz tênue do mês de março. E não se lembrava desde quando não ia para a escola. O que você vai ser quando crescer? – perguntava amarga para si mesma, quando via as estudantes de sua idade irem felizes para a escola com seus uniformes bem comportados. A menina se olhava então no pequeno espelho retrovisor e sentia sua juventude sendo abortada aos poucos. Tirava suas pesadas luvas aerodinâmicas e massageava as finas mãos. Depois as passava pelo rosto e pelo cabelos negros, sentindo a si mesma, sentindo o quanto ainda estava viva e o que era estar viva. De longe via a última estudante entrar no colégio. Os portões se fechavam então. Era a arca de Noé se preparando para o dilúvio, e Maria Biopanzer era um bicho que tinha ficado do lado de fora. Por um momento ficou com ódio disso tudo, mas depois pairou a indiferença sobre ela. Pôs o capacete e se mandou. Afinal, cada qual com sua cruz... Só não entendia o porquê da cruz de alguns sujeitos serem leves como isopor enquanto que a sua era pesada como a

blindagem de um tanque de guerra.

Passou com seu scooter na frente no Comando Aéreo Regional justamente quando um dos novos caça-bombardeiros Stealth F-13 recentemente adquiridos pelo país estava pousando verticalmente numa das quadras de concreto do lugar assustando todos os pombos do quarteirão. Ela parou para ver. Amava coisas assim. O piloto abriu por engano o porão de armas e ela viu uma carga completa de mísseis de ataque presos em cabides. Maria Biopazer ficou eletrizada, imaginando quantas coisas idiotas poderia destruir com aquelas maravilhas de longo alcance! Por exemplo, os chefes que já teve que lhe fizeram sofrer uma barbaridade nos primeiros tempos de sua carreira de motogirl, ou os motoristas de carros importados que discriminam as motocicletas utilitárias voadoras. Ou aquele batalhão de professores que se especializaram em desencorajá-la de estudar, pois uma aluna rebelde que misturava cristianismo com palavrões e xingava os mestres como se fossem lixo era um péssimo exemplo para todas as outras estudantes. Ou os seus pais... seus pais... seus pais... Jesus Cristo! Seus pais!

Maria costumava passar os domingos de folga na praça perto do centro velho, onde ficava perambulando até altas horas comendo besteiras e pechinchando nos camelôs. Foi lá que tornou a encontrar Ravena embaixo duma faixa escrito “Peanuts” e usando uma camisa cor de gema de ovo com listas igual à da camiseta do Charlie Brown. O amarelo-gema contrastava com sua pele que parecia estar mais pálida do que antes. A faixa estava amarrada em duas árvores e, curiosamente, perto de um carrinho de amendoins crocantes. Ravena estava comendo um pacotinho deles.

— Mulher, você por aqui! Veio vender seus quadros do Snoopy?

— Sim, e esse pacote de amendoins é tudo o que eu consegui até agora com as vendas.

— Precisa se alimentar melhor. Você está mais pálida do que da última vez que nos vimos – Maria Biopazer observou não achando nada saudável o branco da pele de Ravena. Parecia que não havia muito sangue nela.

— Eu bem que tentei arrumar alguma coisa dentro da Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis. Mas me falaram que a arte que eu faço já foi feita centenas de vezes e de maneira muito mais competente. Então cá estou eu, tentando vender o que ninguém se importa em comprar. Quer um amendoim?

O tom de voz de Ravena variava entre o indiferente e o cansado.

— Por que você não mandou aquela playboyzada tomar no cu? Virgem Maria, tende piedade desses fariseus do caralho! Como se houvesse alguma novidade nesse “pós-anti-sei-lá-o-quê” que eles estão anunciando a torto e a direito! Isso aí algumas bandas de rock de segunda mão já faziam há mais de cem anos!

Maria Biopanzer pegou um amendoim, jogou para cima e engoliu. Ravena tentou ponderar:

— Ei, ei, o anti-pós-entropismo tem lá os seus méritos. É uma crítica estética ao sistema consumista em que vivemos. Por isso eles fazem releituras de obras de arte de teor religioso misturando elementos da sociedade consumista. Por exemplo, a releitura da Santa Ceia, os apóstolos apareceram como terroristas, e a as cenas de cropofagia em tigelas de ouro trazidas por você como se fosse uma encomenda normal é uma ironia sobre a transformação do consumismo em algo sagrado e sobre o lixo cultural gerado por nós mesmos e que comemos normalmente.

— Sabe Ravena, eu sou uma reles pessoa comum. Não consigo entender como esse papo furado de crítica ao consumismo pode ser feita por uma multi-mega-hiper-empresa que se chama Corporação trá-lá-lá Produtos Consumíveis...

— Corporação de Tendências Artísticas Consumíveis – Ravena corrigiu com a boca cheia de amendoins. Estavam mesmo bons.

— Que seja! “Lixo cultural gerado por nós mesmos?” Essa é boa! Essa corporação é quem gera o lixo e depois, numa atitude bem filho da puta, põe a culpa em nós! Cristo, isso é muito, muito cínico – Maria Biopanzer enfatizou bem o cínico – além disso, esculachar com o sagrado é a coisa mais sem imaginação que existe. Engraçado como os ateus de verdade preferem apenas ignorar a religião, enquanto que os oportunistas materialistas que abundam por aí atacam a religião apenas para adquirir notoriedade e dinheiro.

— Para falar a verdade, eu também penso assim, senhorita Biopanzer. Mas eu não vivo só de amendoins. Tenho que pagar o aluguel do meu apartamento aqui no centro, tenho minhas dívidas, enfim. Estou começando a me arrepender de não ter feito a arte que eles gostariam de ver.

Maria Biopanzer foi para perto de um óleo sobre tela do Charlie Brown.

— Ei, Charlie. A sua amiga Ravena está dizendo que não quer mais ser sua namoradinha. O que tem a dizer sobre isso? – então ela começou a imitar a voz do Charlie Brown: “Que puxa! Depois de tudo o que passamos juntos!”

— Faz quase duzentos anos que foram criados. Hoje ninguém dá mais nada por eles. Talvez por isso eu goste tanto do Charlie Brown: ele está mais sozinho do que nunca.

— Acho que todos nós estamos – suspirou Maria Biopanzer, e tirou dinheiro de sua bolsa para comprar um pequeno Snoopy de resina o qual simpatizara.

Desta vez Maria Biopazer estava trabalhando de entregadora noturna de pizza. Até que estava sendo legal, pois ela ficava dançando no salão perto daquele cemitério maneiro até umas duas da madrugada; aí quando as coisas começavam realmente a esquentar ela aproveitava o pique para se mandar, muito louca, para pegar as pizzas e começar as entregas. O Velociraptor não era um scooter lento, e nem era qualquer um que conseguia domar esse pequeno dinossauro de duas rodas. Sua aparência assustadora ficou realçada pela pintura que Maria Biopazer fez nele, que imitava a camuflagem de tanques do deserto, e depois do upgrade das novas microturbinas ele alcançava facilmente os 290 Km/h no módulo de voo. E era nessa velocidade insana que a senhorita Biopazer arrancava sem capacete e totalmente doidona pelas drogas baratas que ingeria, o cabelo negro tremulando ao vento como a própria bandeira do inferno, os dentes cerrados pela absurda velocidade em que ela se especializou em correr, os olhos de menina vendo alucinados todo o esplendor da noite na cidade através da bolha da carenagem: playboys solitários em belos apartamentos depressivos, mulheres da vida, poetas boêmios sem talento algum, grupos de jovens idiotas, seguranças sonolentos, sacerdotes entediados, , enfim, toda a interessante fauna noturna que se dissolvia ao primeiro raio de sol desse mundo cruel.

Após a última entrega da noite ela, exausta, “pegou o caminho da roça”. Morava na periferia mais longínqua que já se ouvira falar, num conjunto habitacional podre no meio do nada, cercado de escuridão por tudo quanto era lado. Botou o Velociraptor no piloto automático, cruzou as mãos na nuca e relaxou.

— Preciso arrumar um barraco mais perto do centro...

Estava quase dormindo quando o radar de alerta de colisão soou, indicando que havia um veículo parado no meio da avenida deserta. Maria Biopazer assumiu o controle manual do Velociraptor e ligou o farol alto. Estranho. Esse carro não lhe era estranho... do lado dele, uma pessoa acenava, pedindo ajuda. Uma mulher. E o carro era um jipe! O jipe que Maria Biopazer amassou a porta não fazia muito tempo!

— Por favor, me ajude, moço!

Maria estacionou do lado do jipe.

— O que há de errado?

— Eu não sei... Ei, mas você é uma menina! – a mulher descobriu finalmente. Mas não tinha reconhecido Maria Biopazer como a causadora do amassado na porta do jipe, haja visto que daquela vez ela estava de capacete “filmado”.

Ela desceu do Velociraptor.

— Pode consertar meu jipe?

— Duvido que não tenha telefone celular. Por que não chamou um guincho?

— Eu esqueci meu celular...

— Conheço o modelo do seu jipe. Ele já vem de fábrica com rastreador via-satélite. Por que não usou o rastreador para chamar a assistência técnica?

— É que eu não sei mexer nessas coisas, sabe...

— Essa não – Maria disse, atônita – Basta apertar um botão, meu Deus! Você não consegue apertar um botão?!

— Essa porcaria tem botões demais. Pode consertar o meu jipe?

Maria pensou um pouco. Era muita burrice. Começou a desconfiar que essa burrice era proposital. Começou a desconfiar de algumas coisas:

— Esse jipe... é do seu marido, não é?

— Sim – a mulher começou a olhar Maria Biopazer com olhos esbugalhados.

— E você não mora por aqui, correto?...

— Sim, sim, mas...

A periferia fornece duas coisas para o resto da cidade: drogas e amantes. No fundo são a mesma coisa. Aquela patricinha de meia-idade veio até aqui pela segunda opção, Maria concluiu sem emoção. Se acionasse a ajuda pelo rastreador via-satélite, o marido iria receber imediatamente pela internet um boleto indicando onde a esposa quebrara seu jipe, e aí ela teria que se explicar muito bem o que estava fazendo ali àquela hora. Mas já era fim de madrugada, e Maria Biopazer não estava com saco para julgar ninguém. Além disso, todo cristão decente deve dar uma de bom samaritano de vez em quando.

— Não julgueis para não seres julgados... – Maria cantarolou baixinho enquanto abria o enorme capô do jipe Ramsés.

— Como é que é?

— Nada. Só me lembrei de uma piada. Porra, isso sim é que é motor! Mil cavalos de potência! Sabia que os jipes de hoje tem o dobro da potência dos tanques da Segunda Guerra, dona?

— Ah, é? Mas não me chame de dona, ainda sou jovem.

— Esses motores de alta tecnologia são como os amantes de hoje em dia. Custam muito caro e precisam ser tratados com carinho – Maria Biopazer olhou de soslaio para o efeito que suas palavras causaram na mulher, e se divertiu ao vê-la sem graça pela insinuação – ah, aqui está o defeito! A bobina não vale mais nada. É, dona, é triste ter um carrão importado. No início é só alegria. Todos babam de inveja, principalmente as amigas.

— É mesmo. Mas não me chame de dona.

— Um jipe então, é um espetáculo! Você se sente poderosa, bem-sucedida, inteligente (principalmente inteligente) e do alto da poltrona auto-ajustável vê aqueles homens inferiores murchando ao passar ao seu lado naqueles ridículos carros populares de merda! Você começa a ver o quanto é superior ao resto do mundo! A se ver como uma mulher guerreira, e o jipe importado é a sua armadura, apesar dele pertencer ao seu marido!...

— É verdade.

Maria Biopazer estava se controlando para não rir da cara daquela patricinha velha. Estava dizendo tudo o que aquele arremedo de mulher infiel queria ouvir.

— Mas então vem a desgraça sob a forma das peças de reposição. De repente você descobre que um único parafuso importado de um jipe importado custa mais do que um vidro de perfume importado. O que dirá de uma bobina, então? Custa caixas e caixas de perfume! Isso é uma injustiça! Então acaba deixando as peças de reposição para lá; afinal isso é chato e o carro é novo e por isso deve ser resistente; no mais, isso é assunto de seu marido incompetente. Mas nada é tão simples assim e o diabinho off-road quebra na primeira oportunidade. Como os amantes caros de hoje. Tão fortes, tão musculosos mas incapazes de dar prazer a uma mosca tarada. É por isso que prefiro os fracotes. Estes sim, são musculosos onde realmente interessa, se é que me entende.

A mulher olhava para Maria Biopazer com uma expressão idiota. Onde aquela menina queria chegar? Maria resolveu se divertir mais um pouco (pelas besteiras que estava falando, ela sabia que ainda estava muito drogada) e apontou para porta amassada do jipe por ela mesma há alguns dias:

— Um carrão tão bonito desses com uma porta amassada. Por acaso foi um... motoboy?

— Foi.

-- São terríveis, não é? Covardes! Ainda bem que sou uma pobre garotinha cristã! Jamais Cristo me perdoaria se em fizesse isso num jipe de meio milhão!

A escuridão fria da madrugada era terrível.

— Estou....com medo... – a mulher murmurou quase chorando.

— Suba na garupa. Eu levarei você para casa, dona.

O Velociraptor zunia em seu módulo de vôo. Varou a madrugada como uma estrela cadente triste sobre conjuntos habitacionais, aí então os primeiros viadutos cheios de luzes foram surgindo e num instante o ar poluído da “civilização” entrava canceroso nos pulmões das duas.

— É um milagre! – a mulher gritou, exultante. Escapamos do pior!

Maria sorriu; por mais que o tempo passe, sempre as pessoas acreditarão em milagres. Menos ela. Foram até o elegante bairro onde a mulher morava, e lá chegaram quando o Sol deu o ar de sua graça. Pardais cantavam.

— Bom, entrega feita. Tenha um bom dia, dona! Espero que seu marido não ache ruim de você ter passado a noite fora.

— Eu quero que ele morra! Só não chamei o guincho porque ele saberia onde o jipe quebrou, e saberia que a minha mãe não mora por lá...

A velha história da traição como vingança. Um ritual de auto-flagelação onde o traidor não percebe a que nível está se rebaixando, refletiu Biopazer indiferente; apesar de sua pouca idade o amor lhe era um assunto esgotado. Apenas perguntou:

— Você tem filhos? Não sente que eles possam estar sofrendo?

E saiu em silêncio.

Por todos os lados sempre a mesma história!

Os dois malditos pensam cada um no seu próprio umbigo e usam para isso expressões idiotas como “antes de tudo, vem a minha própria felicidade”, ou “eu preciso me realizar enquanto pessoa”, ou “todos têm direito a uma segunda chance” e a primeira coisa que fazem é chutar os filhos para escanteio. Como ela própria, Maria Biopazer, foi chutada um dia.

Seus pais, que se separaram pouco depois dela nascer, sempre lhe passaram na cara que ela foi o fruto de um preservativo mal-colocado. Sempre lhe passaram na cara que ela era um estorvo, uma pedra no caminho da realização profissional dos dois, que nascera apenas para atrapalhá-los. Um botava a culpa

de tudo quanto era ruim no outro, e os dois se uniam para colocar a culpa de tudo quanto era ruim em Maria Biopanzer.

Trataram-na da maneira mais fria possível. “Só estamos fazendo nosso trabalho, menina”.

E por fim enxotaram-na de suas vidas mesquinhas. Para sempre.

Admirável mundo novo. O episódio da camisinha furada a transformou numa feroz cristã num tempo onde os cristãos estavam quase extintos e eram motivo de piadas, mas ela não dava bola para piadas e acabou virando inimiga xiita de métodos anticoncepcionais pois recusava-se a aceitar a nulidade do seu nascimento. Não! Ela era inteligente e sensível; ela fazia diferença no mundo. Os outros, frutos de gestações planejadas, eram todos uns estúpidos, não sabiam como era bonito ter sido escolhida ao acaso e sentir o caos em suas veias.

Biopanzer era ela? Não! Talvez a menina Maria fosse o último ser humano num mundo cheio de robôs ególatras que queriam acabar uns com os outros!

Insensíveis como o aço. Impiedosos como as esteiras dos tanques que esmagavam soldados feridos. A estupidez era a carapuça blindada que nos protege. E nos serve perfeitamente.

Alguém acabara de se sentar perigosamente na borda de um viaduto sujo iluminado pelo dourado sol da manhã. Maria, que parecia atrair para si pessoas mais problemáticas do que ela, parou de comer seu sanduíche num boteco por ali por perto e ficou observando. Não demorou para descobrir que aquele alguém era Ravena! Foi até lá.

— Mulher, você por aqui?

Ravena virou-se para ela e sorriu. Estava vestindo uma antiquada camisola branca (provavelmente igual a das meninas da turma do Charlie Brown) que só acentuava sua palidez preocupante; aliás, muito pior do que da última vez que se viram. Estava tão branca que parecia um fantasma. O vento sujo de fuligem balançava seus cabelos despenteados acentuando o vazio de seu olhar fixo no nada de concreto que havia lá embaixo. Maria Biopanzer sentou-se ao lado dela.

— Está pensando em se jogar?

Os olhos de expressão perdida de Ravena falaram por si só. O vento apesar de poluído estava bom, um pouco morno.

— Se está pensado nisso, desista. Daqui você só quebraria uma perna. Meu bisavô resolveu a

parada dando um tiro na cabeça. Mas eu recomendo o enforcamento; é mais barato. Nem pense em tomar veneno; nunca funciona.

Houve um silêncio.

— Enforcamento... força... “O Enforcado”...conhece o Tarô, Maria Biopazer? “O Enforcado” é a décima segunda carta. As pessoas acham que é uma carta ruim, mas não há cartas boas ou ruins; a vida não é tão óbvia desse jeito. “O Enforcado” é a carta do destino: você está amarrada pelos pés a ele e não pode escapar enquanto não cumprí-lo.

— Não gosto de me prender ao que quer que seja – resmungou Biopazer.

Alguns pombos passaram voando.

— Você diz que é cristã – e após uma longa pausa, Ravena perguntou, com sua voz embargada de pavor – acredita em... milagres, Maria Biopazer? Acredita no... inexplicável?

— Não. No fim, tudo é explicado pelos cientistas ou pelos psicólogos. Multiplicação de peixes, ressuscitação de mortos, paráliticos que andam –Maria Biopazer falava com indiferença casual – mas eu não preciso que essas coisas tenham realmente acontecido para achar o cristianismo válido.

Houve mais um silêncio. Ravena segurou nas mãos dela e perguntou com olhos desesperados:

— Você já parou para se perguntar por que está aqui?

— Como assim?

— O porquê você nasceu? Por que justamente você nasceu? Já parou para pensar que talvez não tenha sido tão por acaso assim o seu nascimento? Que talvez você nasceu para fazer... algumas coisas... ? Que você nasceu para fazer... certas coisas... que só você e ninguém mais pode fazer? E que talvez você não possa escapar de fazer essas... coisas? – e Ravena insistiu, os olhos tomados pelo pavor – você realmente não acredita em... milagres?

— Os milagres não acontecem mais, Ravena. Já temos o caos urbano nas cidades coloniais das luas de Júpiter e algumas naves tripuladas chegaram em outras estrelas. Mas, veja: eu sei que você está sem dinheiro. Assim proponho um acordo: eu me mudo para o seu apartamento, já que estou de saco cheio de morar na periferia, e ajudo a pagar o aluguel e a comprar comida. O que você acha? Meu Deus do céu, Ravena, você precisa urgentemente comer alimentos que contenham ferro. Está cada vez mais pálida!

Ravena riu ao ver as quinquilharias que compunham a mudança de Maria Biopazer: revistas de motos, botas cheias de correntes, camisetas rasgadas, discos e discos de obscuras bandas de rock, esmaltes de unhas de cores extravagantes, brincos e pulseiras esquisitos e miniaturas, centenas de miniaturas de biotanques. Maria, por sua vez, batizou o apê de Ravena como a “Snoopylândia”. Nem o próprio criador do Charlie Brown teria imaginado um parque temático com tantos bonecos, pinturas, desenhos e congêneres da turminha do Minduim. Com uma alegria de meninas cada uma foi mostrando o que tinha para a outra.

— Esse é o famoso Biopazer – Maria disse, orgulhosa, segurando a miniatura de um monstrengo – que lhe parece?

Ravena entortou a cabeça para um lado, tentando compreender aquela miniatura. Não se parecia com nada!

— Eu acho que parece um... um... caranguejo monstruoso. Isso aí existe de verdade?

— Sim! Mas são armas secretas. Dizem que o gene modificado que usam para as blindagens é humano. Isso é proibido por várias convenções internacionais.

— Interessante... mas, olhando bem, essa coisa parece um samurai agachado.

Maria apertou um controle e o Biopazer ficou em pé, ostensivamente, os braços sinuosos eriçados de casulos de armas obscuras. Ravena não pode conter o espanto. Efetivamente, esse Biopazer era um samurai blindado infestado de armas.

— Qual é o tamanho dele de verdade?

— Dizem que maior que um prédio. Aliás, o maior prédio da cidade não passa dos seus joelhos! Veja só que linhas! Que formas! Que nariz! E que traseiro!

— E depois eu é que sou esquisita com minha mania do Snoopy! E por falar nisso, o que tal o meu “ateliê”?

Maria Biopazer deu uma boa olhada ao redor. O tempo que levou para dar um resposta constrangeu as duas.

— É legal...

Maria sentiu o quanto sua opinião dessa vez estava sendo vaga. “Legal” dito em algum momentos dizia tudo. Em outros, era aborrecível. Por isso, tentou ser honesta.

— Sabe, Ravena, acho que na primeira vez que dei uma opinião sobre o que você faz eu disse que parecia haver algo por detrás. Pois bem, esse é o momento de dar um opinião franca: o que você faz realmente é legal, mas parece que você faz para tentar esconder algo... você tem algum segredo, Ravena?

Ante a pergunta, Ravena teve um mal-estar e vomitou.

A miniatura do Biopanzer ficava num pequeno suporte ao pé da cama de Maria. Numa noite de frio ela ficou olhando sonolenta para ele e se lembrando da comparação de Ravena. O Biopanzer parecia um samurai agachado. Samurais... será que houvera algum samurai mulher? Será que ela daria uma boa samurai? Sim, mas ela precisaria se levantar, pois estava agachada, e ao se levantar viu-se uma jovem samurai com a estatura de uma gigante; os prédios mal tocavam seus joelhos. Desembaiou sua espada e ficou de guarda esperando seus inimigos. Estava muito tensa, alerta, pois seus inimigos rastejavam entre os prédios, procurando surpreendê-la: professores, chefes, namorados, pais, quase todos do seu tamanho ou maiores, querendo linchá-la. Mas a jovem e esbelta samurai gigante revelou-se uma exímia espadachim e em movimentos elegantes despedaçou todos eles, cujos pedaços gigantescos destruíram toda a cidade, só restando dos prédios esmagados uma tênue poeira, e sem eles a samurai descobriu que estava amarrada pelos pés por uma corda. Ela viu que lutara o tempo inteiro de ponta cabeça, e agora estava dependurada como um enforcado numa árvore. Usou a espada cortando a corda e caiu, mas então um jorro de sangue começou a sair da corda. Horrorizada, sentiu que aquilo não era uma corda; era o seu cordão umbilical!

Acordou num pulo, ofegante. Olhou para os lados. Viu que ainda estava no quarto. Droga; um dia desses precisaria parar de se drogar... Acendeu a luz e calçou os chinelos. Foi até o quarto de Ravena. Estava bastante impressionada:

— Ravena, se importa se eu entrar? Eu tive um sonho muito ruim. Sonhei com sangue, muito sangue...

Maria Biopanzer foi tomada por um horror inominável.

Ravena acuada, num canto, respirando sufocadamente. Seus pulsos estavam completamente ensangüentados.

— O que você fez, Ravena??

Maria gritou e correu em direção à amiga. Não sabia o que fazer, estava tremendo. Havia um jarro de água numa mesinha, ela o pegou e despejou sobre os pulsos para limpar as feridas de Ravena. Maria jogou mais água, procurando, atônita, por um corte, um arranhão.

Não encontrou nada que pudesse fazer.

— Não pode ser! – disse, passando as mãos nos cabelos sem entender. Ravena sacudiu negativamente a cabeça, cansada. Não havia nada que pudesse fazer!

Nisso Ravena apontou debilmente o dedo para uma tela que estava num cavalete. Maria Biopanzaer olhou.

E então o que se passou em sua alma ao ver a verdadeira arte feita por Ravena foi o sentimento mais sublime que jamais experimentara em sua vida, um choque, um prazer e uma elevação de si mesma:

— Bondoso Deus misericordioso, eu não acreditava em milagres. Agora estou diante de um!

Maria Biopanzaer teve mais um sonho: ela era uma cavaleira medieval que caminhava pelo deserto da Palestina. Tinha que salvar o Salvador do sol escaldante. O Salvador era uma flor tão delicada e bonita que Maria Biopanzaer ao invés de protegê-la resolveu arrancá-la do solo arenoso. E a flor, que se alimentava do deserto, começou a morrer em seus braços. Maria Biopanzaer tentou afagar a flor, mas sua insensível mão blindada – que tanto a protegeu do mundo cruel – acabou despedaçando a flor, e suas pétalas de sangue caíram como lágrimas no deserto.